

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS, por Olavo de Carvalho:

“Quando a obra de um único autor é mais rica e poderosa que a cultura inteira do seu país, das duas uma: ou o país consente em aprender com ele ou recusa o presente dos céus e inflige a si próprio o merecido castigo pelo pecado da soberba, condenando-se ao definhamento intelectual e a todo o cortejo de misérias morais que necessariamente o acompanham.

Mário Ferreira ocupa no Brasil uma posição similar à de Giambattista Vico na cultura napolitana do século XVIII ou de Gottfried von Leibniz na Alemanha da mesma época: um gênio universal perdido num ambiente provinciano incapaz não só de compreendê-lo, mas de enxergá-lo.”

Outros livros de Mário Ferreira:

Cristianismo: a religião do homem

Pitágoras E O Tema do Número

Lógica e Dialética

Tratado de Simbólica

A Sabedoria das Leis Eternas

Filosofia Concreta

Filosofia e Cosmovisão



INVASÃO VERTICAL DOS BÁRBAROS, 1967

A invasão dos bárbaros pode acontecer por duas vias: horizontal (ocupação gradual do território geográfico) ou vertical (corrupção da cultura de um povo, expressão do alemão Rathenau). Nesse livro, Mário trata da corrupção cultural em DUAS PARTES:

Parte 1: Invasão na Afetividade e Sensibilidade

Parte 2: Invasão na Vida Intelectual, pelo avanço do tecnicismo, negativismo, materialismo e ignorância teológica.

Bárbaro: aquele que não fala grego nem latim ou que está fora da jurisdição romana. Pode ser um bárbaro extramuros ou intramuros (dentro da civilização, aparentam pertencer a civilização, mas não são civilizados).

INTRODUÇÃO

O que os bárbaros pretendem invadir e destruir desde dentro é a nossa cultura ocidental, alicerçada em três pilares, conforme a imagem ao lado.

O mito de que toda cultura vai, invariavelmente, perecer (quase que obrigatoriamente há de corromper-se) deve ser substituído pelo pensamento de que **a possibilidade de corromper-se não é uma obrigatoriedade**. P.14

AVANÇAR, SIM, VOLTAR ATRÁS, NUNCA!

Certos ideais supremos da humanidade devem ser resguardados: a justiça, a moderação, a prudência sábia e santa, a coragem moderada e justa, a elevação da mulher e da criança, a igualdade entre os homens, a liberdade, a ciência e a democracia,

Características da nossa cultura, ameaçada por todos os lados p.19

- O Universo é criatura e o homem também;
- Os povos irmanam pela mesma fé e são iguais perante Deus;
- A divindade é providencial (videntia pro)
- O homem é um ser inteligente e livre que pecou porque quis;
- Pode salvar-se por meio da graça e de Cristo;
- A paz reinará quando a boa vontade dominar entre os homens: vontade sadia e liberta de vícios.

PARTE I - A INVASÃO VERTICAL DOS BÁRBAROS NA SENSIBILIDADE E NA AFETIVIDADE

1) Valorização do que afirma nossa animalidade;

a) Exaltação da força, valorização da capacidade física, valorização do corpo em detrimento da mente, valorização do visual sobre o auditivo, valorização romântica da intuição e da sensibilidade sem razão.

b) Superioridade da força sobre o Direito e a força como garantia de valor. Para os bárbaros é o poder que outorga direitos e não a natureza. Para os bárbaros o direito é filho da política e não da moral. Exemplo: “Eu sou a lei” ou “O Estado sou eu” de César. Exemplo 2: Estado de barbárie dos povos africanos, onde impera a força.

c) Propaganda do inferior e do primitivo: alarde de criminosos, de divórcios, de separações, de escândalos e de vidas desregradas.

2) Valorização da memória mecânica p. 32;



3) Valorização da horda e do tribalismo;

Horda: multidões, massas. Lembrar de: *A Rebelião das Massas de Ortega y Gasset*.

Tribalismo: exige coerência afetiva e emocional mais do que racional; os membros da tribo são sempre considerados superiores (mesmo não sendo).

4) Exploração sobre a sensualidade;

- Sexualização nas escolas: Página 32.
- Ascensão desenfreada da pornografia entre jovens;
- Crescimento do índice de publicidade sensual: no cinema, no teatro, na literatura (subliteratos) p.40
- Embotamento da sensibilidade humana, inclusive para o sexo: as multidões exigem traumatismo constante.
- Extinção do curso natural do sexo;
- Juventude entediada, cansada e fatigada.
"Não fosse a ação das autoridades políticas e sociais, o desenfreio seria total" p.37

5) Disseminação do mau gosto;

Na moda: insólito, híbrido, degenerado, andrógono.

6) Credos Primitivos;

- a) Religiões de ciclos culturais inferiores;
- b) Concepções primárias de divindade (cristianismo misturado com espiritismo, umbandismo)
- c) Clero mal preparado: apologética fraca
- d) Pastores de discurso vazio, p.44

7) Repetição em detrimento da criação, p.45

Imitação e primitivismo, arte primitiva e especialismo

8) Valorização do Inferior, p.48

- a) Valorizar: pobre, feio, deficiente, crime, delinquência, vício, sensualismo, formas viciosas, fraqueza, burrice, enriquecimento ilícito, ignorância, concupiscência e baixa literatura.
 - b) Colocar em dúvida toda honra, toda dignidade, toda decência: Será? Ninguém é santo! Nunca se sabe!...
"É fácil levantar dúvidas, suspeitas... os propagandistas da indecência sabem disso!" p.50
- Descrever o casamento como prisão;
 - O sábio como charlatão;
 - O honesto como hipócrita;
 - O malandro como esperto/inteligente.

9) Influência do Negativo: Negação e inversão de valores

A parte de culpa da igreja: "*Sem dúvida cabe a homens da Igreja Católica e da protestante de toda espécie, a culpa dos tremendos desmazelos havidos, como a invasão do barbarismo no campo da religião e no da filosofia, bem como as suas manifestações primárias no campo das idéias sociais, onde as mais abstrusas soluções forma propostas e as práticas mais descabeladas foram realizadas. Não soube a maioria do clero manter em pé a grande herança recebida da escolástica, nem soube criar uma apologética que estivesse proporcionada à época que vivemos. A religião perdeu terreno por culpa maior do próprio clero, despreparado para o advento das formas modernas de vida social. Por outro lado, os adversários da Igreja iriam aproveitar-se com ênfase de tudo o que parecesse derruir em seus fundamentos a religião e carimbar, para sempre como falsas, as suas mais caras afirmações.*" P.55

Sobre padres comunistas e o despreparo dos sacerdotes: p. 56-57

O interesse dos capitalistas internacionais é tão anticristão quanto os marxistas o são: p. 59-60, "*Todos os exploradores e expropriadores do homem têm verdadeira ojeriza pelo cristianismo*".

Ateísmo cansa: p.61

10) Exploração viciosa do esporte, p.62

Profissionalismo relacionado ao que é bom para o mercado: não só o esporte começa a ter o seu valor confundido com as cifras monetárias, mas também a arte e a literatura passam pelo menos processo.

AXIÓS, valor intrínseco x THYMOS, valor de troca.

11) Acusações ao cristianismo, p.65

a) O cristianismo não foi capaz de conter a barbárie em nós.

Quais as verdadeiras razões da persistência do barbarismo mesmo após o advento do cristianismo?

- Índole humana: sádica e masoquista
- Desídia dos cristãos e sua traição: fariseus e covardes por todos os lados
- Erros na propagação do cristianismo: abandono do caminho da inteligência e da escolástica e supervalorização dos sentimentos e da afetividade quanto à religião.

b) Os blasfemadores, p.67

- Crescente número de sacrilégios;
- Só os civilizados respeitam e toleram outras religiões, e até discutem intelectualmente. Os bárbaros jamais o fazem.

12) O problema ético, p.69

Virtude: prudência e moderação (conceitos na página 70)

“Que cada um faça seu exame de consciência, e compreenda que não há nessas atitudes nenhuma grandeza, pois a temeridade e a audácia bárbaras não são manifestações de força, mas apenas de fraqueza na capacidade inibidora; revelam apenas que aquele que os sofre é um fraco em sua vontade e em sua inteligência. Por isso é presa fácil de suas paixões e de sua concupiscência. Só os fortes, só os corajosos são moderados e prudentes, porque tais virtudes exigem mais inteligência e vontade do que deixar desencadear as forças primitivas.” (Página 70)

13) O problema do negro, p. 71

a) A África sempre esteve imersa no barbarismo: *A raça negra não construiu nenhuma alta cultura.*

b) Os negros não têm amigos entre os negros nem entre os brancos, apenas entre os religiosos. (Ex: EUA)

c) Cultura africana é marcada por: vida selvagem, espírito tribal, sectarismo, ferocidade, crueldade, antropófagos, baixo nível intelectual e técnico.

d) Para lidar com os africanos os colonizadores tiveram que usar a força, afinal, na África, só a força importa: *“é preciso remover himalaías para conseguir despertar num africano o sentido do amor e da disciplina, o respeito ao semelhante e ao superior”* p.75

A libertação exigirá a vitória sobre a ignorância, as paixões e os preconceitos [...] E então Cristo, o maior símbolo humano de todos os tempos, o exemplo dessas três capacidades máximas a que atinge a mente humana reinará nos corações. P.78

e) Somente iniciativas isoladas podem auxiliar os negros, é preciso parar de esperar pela ação do Estado. P.81-82.

“Sabemos que entre as coisas mais belas do homem está, sem dúvida, a heroicidade, sobretudo quando ela é sábia e santa, mas sabemos também que é rara.” P. 79

14) Sectarismo e exclusivismo;

a) Seita: tribalismo de ideias, grupinhos de pertença, soberba grupal, sectarismo, exclusivismo;

b) Espírito sectário: o sectarismo é um cego (miope) intelectual;

c) Exclusivista: *“só nós temos a verdade”*.

Filosofia especulativa	Filosofia prática
Dirige-se à verdade para afastar a falsidade (Refere-se a conceitos, ideias, esquemas, lógica)	Dirige-se para o certo para afastar o que é errado (Refere-se ao que acontece)

15) Valorização do criminoso

Benevolência crescente cercando o inimigo;

Tendência em considerar o criminoso um doente mental ou vítima;

Os bárbaros julgam que crimes cometidos contra outras tribos (inimigas) não são tão graves;

Estúpida polarização entre polícia e bandido.

PARTE II – O BARBARISMO E A INTELLECTUALIDADE P.91

“Há muitas formações aparentemente cultas e civilizadas, mas cujo conteúdo, na verdade, é bárbaro, e bárbara também a sua causa eficiente.” Sobre pseudomorfoses, página 91.

1) Desvalorização da Inteligência;

a) Reduções da inteligência: behaviorismo, reflexologistas (fisiologia) e sensualistas (mecânica dos sentidos);

b) Desprezo pela filosofia e metafísica: desprezo pelo que não conhecem.

c) *“O bárbaro, por suas condições, tem verdadeira ojeriza da inteligência”* p.93

- Inteligência cogitativa, grau primário da inteligência;
- Esquemática de sentido;
- Pensamento de memória e fantasia;
- Esquema de abstração de primeiro grau;
- Despreza a inteligência de segundo e terceiro grau, pois não a compreende nem assimila;

d) Valorização da intuição; oposição ao pensamento pitagórico, platônico e aristotélico, p.94.

2) Desvalorização da vontade (oréxis);

Vontade = é o ímpeto que pede (*ad petere*)

Vontade (deliberação intelectual) difere de desejo (volição ou impulso cego), mero apetite animal;

Nem todos têm vontade de realizar seus impulsos.

3) Ridicularização do inteligente;

a) Caricaturização do aluno que estuda (nos filmes, por exemplo): desajeitado, mal conformado, enfadonho, etc.

b) Barbarização da ciência e da técnica: os cientistas se desligam da filosofia perene;

c) Onda de especialização: cientistas que só sabem da sua especialidade e dela nem o princípio (filosofia);

“E o estudo dos primeiros princípios está desterrado da maioria das escolas. O cepticismo e o agnosticismo produziram seus frutos. Há legiões de professores cépticos e agnósticos, que dizem que nada podemos saber dos primeiros princípios. Que eles não possam saber, não duvidamos, e aceitamos como verdade. Mas que ninguém possa saber, é mentira. Não têm esses senhores o direito de levar a sua petulância e temeridade a ponto de julgar que os outros todos são

como eles. Não lhes cabe o direito de fazer afirmações tão categóricas em matéria que, de antemão, eles reconhecem que nada sabem. Onde está a prova de que estudaram o assunto? Não conhecemos nenhuma, nem ninguém conhece nenhum que tenha dedicado o seu tempo a estudar aqueles que realmente trataram dos primeiros princípios, e também dos últimos. São eles ignorantes sobre as obras mestras que se dedicaram a essa matéria. Nem por ouvir dizer eles as conhecem. Ignoram até os nomes dos principais autores. Nunca se debruçaram a analisá-las, nem cremos que seriam capazes de fazê-lo devido à fraca mente filosófica que dispõe. Seria mister que começassem desde o princípio, ao bea-ba da filosofia, pois desconhecem a Lógica Formal, a Material, a Demonstrativa, a Dialética no bom sentido, a Matese, a Ontologia, etc. Nada estudaram de Crítica, porque se tivessem estudado não defenderiam idéias falsas já ultrapassadas por milênios, refutadas totalmente, que se reavivam em suas mãos.

Esses homens não aceitam o debate com os que lhes poderiam pôr à mostra a sua ignorância palmar. E se a aceitam, fogem pelas portas falsas da piada ou das desculpas ridículas, deplorando a fraqueza da mente humana para entender o mais elevado, razão pela qual é melhor suspender os juízos, porque nós nada podemos saber, por nos estar vedado para sempre o conhecimento dos primeiros princípios, cujas leis regem todas as esferas da realidade.

O que esses senhores fazem é simplesmente isto: mentem e provam que nada conhecem do assunto. Mas como ocupam postos, que dão a presunção de que são realmente sábios, podem, então, aproveitando-se da ignorância natural e desculpável da juventude, instilar o seu veneno céptico ou agnóstico." P. 98, lembra o estado das Universidades brasileiras.

4) A luta contra a universalização do conhecimento, p.99;

- Valorização da especialidade: especialismo. "Imperar é dividir".

Argumento dos especialistas: são muitos conhecimentos para se aprender de tudo. Contra-argumento do Mário Ferreira: mesmo para saber tudo de uma única especialidade, uma vida é pouco tempo; falta de tempo ou excesso de conteúdo não servem contra a universalidade.

A Filosofia estuda o todo, as várias dimensões e o sentido. A Especialidade fica com a parte.

"Parece estarmos a ver o rosto de dúvida, ou o gesto agressivo de muitos, que dirão que nossa afirmativa não tem fundamento. Pois os que duvidam que se dediquem, como nós nos dedicamos, a tais estudos. Nós também, em certa época, sofremos do vírus bárbaro da ignorância petulante. Também ríamos se nos dissessem tais coisas. Por isso perdoo-mos aos que riem hoje. Mas um dia, o destino nos fez cair nas mãos obras monumentais, e um mundo novo se descortinou. Então compreendemos como era ridícula toda essa atitude de pseudo-filósofos. Da noite para o dia nos libertamos da tolice de perder tempo em ler baboseiras." P.103

Dedique-se ao menos ao estudo da FILOSOFIA CONCRETA. Bases para o conhecimento da universalidade:

- COSMOLOGIA
- LÓGICA
- ONTOLOGIA
- MATESE

"É comum afirmar-se que há falta de tempo precisamente dos que têm tempo, mas não sabem usá-lo. Há sempre tempo para estudar, conhecemos pessoas que trabalham catorze horas por dia e ainda estudam. Sabem aproveitar o seu tempo, todo ele, para o bom conhecimento e só procuram cercar-se daqueles que lhes ministram, e não trevas nem confusões." P.104

Na época do jovem Voegelin, ter uma atividade intelectual não excluía uma atividade prática que fosse financeiramente lucrativa. A idéia de que todo intelectual deve apenas se preocupar com assuntos "contemplativos" e nunca com feitos mundanos (por exemplo, a sobrevivência financeira) é uma tolice digna de quem vive numa torre de marfim. O próprio Voegelin daria exemplo em seus anos de maturidade, conforme relata o aluno Tilo Schbert: "Voegelin começava o dia por volta das oito da manhã." (Reflexões Autobiográficas, autor: Eric Voegelin)

5) Desvirtuamento da Universidade, p.105;

A Universidade propaga erros e injustiças desde o medievo: Pasteur, Einstein, Freud, Alexandre de Hales, São Boaventura, Santo Alberto, Duns Scot, Wading (preteridos por gente medíocre nas universidades);

6) Silêncio sobre os que sabem pensar, p.106;

"Queremos frisar que, em todos os tempos, os grandes criadores, os que souberam pensar, os que ergueram o pensamento humano mais alto, sofreram sempre do que se chama a "conspiração do silêncio". As mediocridades colocadas nos altos postos, e estes quase sempre foram ocupados por mediocridades, tiveram o máximo cuidado, em sua defesa, de fazer o silêncio sobre todos os criadores, que poderiam fazer-lhes sombra. Foi sempre assim... Encheríamos páginas de exemplos, se quiséssemos citar o que aconteceu com Dante, Camões, Cervantes, e ainda com os grandes filósofos etc." p.106

7) A tendência de separar a religião da filosofia e a filosofia da ciência, p.107;

O erro de supor que religião tem a ver com sentimentos, se assim fosse, também os animais a teriam;

Religião exige especulação;

A religião não é uma inteligência primária;

Desligamento total da filosofia e da religião é uma violação e amputação de ambas.

8) A luta contra o criador e a criação;

Os autodidatas produzem mais que os mestres e doutores das universidades. O número de criações só faz diminuir, cada criador cria cada vez menos e cada vez menos criadores.

“Pois observe-se hoje o que se faz nas universidades. Não é o que dizemos? Não se coage com energia o aluno para que não tente provar alguma coisa nova, expor criticamente um pensamento, ensaiar uma nova maneira de ver as coisas?”

Quão distante estamos nós daquela Idade Média (que os tolos querem chamar de época de trevas), em que se exigia, para o estudante de Filosofia, que comentasse as Sentenças de Pedro Lombardo com argumentos próprios, e só se dava valor ao trabalho que apresentasse alguma originalidade, novos argumentos, e respondesse com mais firmeza aos argumentos falsos, trouxesse novas demonstrações; em suma, que fosse criador! Hoje, um aluno que tente fazer isso, peca contra a pureza do barbarismo, ofende a essa nova e falsa sacralidade que se prega.” P.113

9) O conceito de Deus;

- O bárbaro é o religioso com visão deformada do que é uma divindade.
- Fetichismo é achar que determinada coisa possui poderes que lhe são desproporcionados (máquina, mercado, escola).
- Infantilismos filosóficos: nominalismo, materialismo, evolucionismo e ateísmo.

10) Confusão sobre moral e ética, p.119;

a) Muitos creem que a moral é dispensável, bastam as leis. Buscam convencer à juventude que as exigências morais são falsas ou injustas (relativismo e hedonismo);

“Assim, dando ampla vazão aos seus impostos concupiscentes, fácil será manejar a juventude para os destinos que pretendem. A primeira providência é afirmar o relativismo da moral, a segunda é que nos cabe satisfazer os nossos desejos, a terceira é que não há, além deste mundo, nenhum prêmio, nenhum castigo, tudo se acaba, quando nós acabamos.” P.120

b) Os sentidos esgotam-se e a carne fatiga, já a inteligência, nunca embota-se.

11) Juventude transviada;

O aumento crescente de jovens transviados e extraviados é um problema universal:

- É maior onde há mais condescendência;
- Maior corrupção moral;
- Maior insegurança quanto ao destino;
- Aumento nos defeitos pedagógicos;
- Crescente falta de exemplos;
- Maior precocidade das crianças na malícia.

“Dedicar-se à pedagogia construtiva, positiva e concreta, alheia às normas precipitadas de certos pedagogos, que pouco conhecem a alma infantil, é uma exigência inapelável.” P.123

12) Diálogo de surdos

a) Por que as pessoas não entendem o que dizem umas as outras? Pois não há mais firmeza nos conteúdos noemáticos dos termos. Ou seja, o mesmo termo é dito é por muita gente com intenção díspar.

“Há os satânicos que tudo fazem para que seja assim. Há intelectuais comprometidos com essa manobra, que buscam aumentar ainda mais a confusão. Tudo isso faz parte de um plano secreto, cujo intuito fundamental é criar um estado de confusões, de trevas, para nelas abismarem os inadvertidos, de modo que a juventude confusa, por entre idéias confusas, se transforme em massa de manobras dos interessados em subverter a nossa cultura, e instaurar a época do novo escravagismo, do homem-número, do homem-máquina, do homem instrumento, do homem-troço, do homem automatizado, do homem cibernético, do homem que renuncia a sua inteligência e a sua criação para tornar-se uma coisa entre coisas, uma peça de um jogo trágico ao sabor dos interesses dos novos cesariocratas que pretendem dominar o mundo.” P.124

b) Nominalismo e Realismo.

c) Esvaziamento das palavras: do verdadeiro conteúdo etimológico e intencional; gírias e pretensões ideológicas revirando conceitos. Polêmicas apenas no campo das palavras.

“Ao educador moderno cabe um imenso papel: o de pugnar para que a terminologia tenha sempre um conteúdo seguro e certo, e ensinar aos que precisam de auxílio, como devem proceder para que as palavras tenham conteúdos seguros, e não se afastem do seu verdadeiro sentido, para que a comunicação e o entendimento entre os homens seja o mais eficiente possível, porque toda pedagogia deve ter como supremo ideal ajudar a construir homens de mentalidade sã, capazes de conviver fraternalmente com seus semelhantes.” P.128

13) Preconceito prejudiciais;

Não se deve rejeitar tudo que é moderno nem rejeitar tudo que é antigo: apreciar o que é bom em qualquer tempo é a escolha do homem civilizado. O civilizado abraça o que é bom tanto na modernidade quanto na tradição. O bárbaro, no entanto, se liga miticamente ao passado (tudo que é velho) ou miticamente ao moderno (tudo que for novidade).

“A humanidade é herdeira de si mesma e o patrimônio cultural da humanidade não é propriedade de ninguém, mas de todos” p.129

14) Desumanização do homem, p.130;

Predileção da quantidade em relação à qualidade;

Ter é mais importante do que ser;

O ciclo de uma cultura é formado pela **religião** (sobre o que há e como agir) e pela **filosofia positiva** (sobre ser).

15) Os ismos;

Doxa: opinião, saber comum.

Episteme: teoria (visão, saber que relaciona), saber especulativo (espelho) e saber discursivo.

*Lembrar: Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles, do Olavo.

Nosso conhecimento pode ser empírico, mas deve evoluir para o saber culto (racionalização do conhecimento).

Nossa composição:

70% sensíveis	A ciência ocupa-se dos fatos sensíveis para tratar deles o mais racionalmente possível, evitando, tanto quanto é capaz de evitar, a influência da afetividade. P.139
25% afetivos	Fonte da dúvida (do interesse e da disposição) e de nossos valores.
5% racionais	Atividade intelectual.

Ciências Naturais: Fatos da natureza, do que é nascido.

Ciências Culturais: Coisas criadas pela intencionalidade humana.

“A ciência especulativa é, assim, uma libertadora da humanidade. Ela nos libertará dos ismos, que são excrescências de um primário e das pretensivas posições adversas, que tanto mal nos têm feito.

Nos preparará o caminho para que nos entendamos e que se possa estabelecer um plano de transformação da sociedade, não sob o ângulo afetivo e apaixonado dos ismos, que são axioantropológicos e modos abstratos e particulares de ver os fatos e de considerar o homem, fantasmas de um período de deficiência, que o saber especulativo não mais tolera nem admite, senão como exemplos de debilidade humana e não de grandeza.” P.141

16) Exploração do proletário, p.142;

a) Os proletários são explorados por quem diz defender seus interesses, mas, na realidade, apenas pretende galgar cargos em cima da miséria de outros pobres.

“Quem verdadeiramente se eleva é quem ascende por si, por seus atos e por suas realizações ao posto elevado. Cria o seu lugar, como Pasteur criou o seu na Ciência, como Aristóteles na Filosofia, como Camões criou na literatura.

Nem Pasteur, nem Aristóteles, nem Camões foram grandes porque ocuparam cargos elevados, mas foram grandes porque realizaram obras elevadas.

E eis porque o proletário, em todas as épocas, ontem, hoje e talvez ainda amanhã, há de ser sempre o grande procurado, o grande explorado pelos que desejam ascender aos altos postos, pelos que não podem erguer-se por si mesmos, porque, na verdade, não são grandes, mas podem erguer-se sobre as suas esquiladas costas aos postos grandes para parecerem grandes.

E como procederam? Exploraram a sua miséria, exploraram a sua carência, exploraram a sua boa fé, exploraram a sua ignorância, exploraram a fome de seus filhos, a seminudez e os andrajos de sua companheira, exploraram a urgência de suas necessidades, e lhe prometeram, então: que lhe dariam, já, imediatamente, o que já e imediatamente ele precisa; exploraram o seu imediatismo, que o faz vibrar ante a promessa do prato de comida, da veste para seu corpo quase nu, da casa humilde que não tem. E como nada recebia de melhor do que esperava, eles sempre justificaram a sua falta, culpando a outros.” P.142-143

“Mas, por acaso, é o proletário apenas vítima? Sim, é vítima da sua ignorância e da sua fome, vítima da urgência das suas necessidades, vítima do seu apetite insofreado.

Mas é culpado, porque ouve a quem não devia ouvir;

é culpado, porque crê em quem não devia crer;

é culpado, porque serve a quem não devia servir;

é culpado, porque segue a quem não devia seguir.” P.144

17) A especulação na baixa dos valores, p.146

18) Propaganda desenfreada, p.148;

Propaganda desenfreada de tudo que é mau: *“A propaganda desenfreada do que é mau dá-nos a impressão que a maldade dominou totalmente. Não há mais corações que se exaltem, não há mais gestos de nobreza, não há mais homens que olhem os seus semelhantes como seus amigos. E isso não é verdade. Mas a mentira organizada em periódicos dá a impressão do inverso. É uma estimulação constante para que se veja o contrário, para que o contrário se dê, para que o contrário seja a regra.”*

19) Idéias sociais primárias, p.150

- Idéias que prometem o impossível e só trazem desalentadoras experiências;
- Este mundo precisa ser reformado, de fato. Mas cuide-se de não trocar o ruim pelo pior;
- Não basta amar o próximo. É preciso saber como devemos tornar efetivo e prático o nosso amor;
- Não podemos recuar a esquematismos de criança, nem tratar o homem adulto como se fosse criança.

20) Cientismo ingênuo, p.151

Sensualismo, empirismo vulgar, ceticismo, agnosticismo, positivismo vicioso, niilismo pessimista, satanismo.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS E O NOSSO FUTURO, artigo de Olavo de Carvalho.

Mário Ferreira ocupa no Brasil uma posição similar à de Giambattista Vico na cultura napolitana do século XVIII ou de Gottfried von Leibniz na Alemanha da mesma época: um gênio universal perdido num ambiente provinciano incapaz não só de compreendê-lo, mas de enxergá-lo. Leibniz ainda teve o recurso de escrever em francês e latim, abrindo assim algum diálogo com interlocutores estrangeiros. Mário está mais próximo de Vico no seu isolamento absoluto, que faz dele uma espécie de monstro. Quem, num ambiente intelectual prisioneiro do imediatismo mais mesquinho e do materialismo mais deprimente – materialismo compreendido nem mesmo como postura filosófica, mas como vício de só crer no que tem impacto corporal –, poderia suspeitar que, num escritório modesto da Vila Olimpia, na verdade uma passagem repleta de livros entre a cozinha e a sala de visitas, um desconhecido discutia em pé de igualdade com os grandes filósofos de todas as épocas, demolia com meticulosidade cruel as escolas de pensamento mais em moda e sobre seus escombros erigia um novo padrão de inteligibilidade universal?

Os problemas que Mário enfrentou foram os mais altos e complexos da filosofia, mas, por isso mesmo, estão tão acima das cogitações banais da nossa intelectualidade, que esta não poderia defrontar-se com ele sem passar por uma metanóia, uma conversão do espírito, a descoberta de uma dimensão ignorada e infinita. Foi talvez a premonição inconsciente do terror e do espanto – do thambos aristotélico – que a impeliu a fugir dessa experiência, buscando abrigo nas suas miudezas usuais e definindo pouco a pouco, até chegar à nulidade completa; decerto o maior fenômeno de auto-aniquilação intelectual já transcorrido em tempo tão breve em qualquer época ou país. A desproporção entre o nosso filósofo e os seus contemporâneos – muito superiores, no entanto, à atual geração – mede-se por um episódio transcorrido num centro anarquista, em data que agora me escapa, quando se defrontaram, num debate, Mário e o então mais eminente intelectual oficial do Partido Comunista Brasileiro, Caio Prado Júnior. Caio falou primeiro, respondendo desde o ponto de vista marxista à questão proposta como Leitmotiv do debate. Quando ele terminou, Mário se ergueu e disse mais ou menos o seguinte:

– Lamento informar, mas o ponto de vista marxista sobre os tópicos escolhidos não é o que você expôs. Vou portanto refazer a sua conferência antes de fazer a minha.

E assim fez. Muito apreciado no grupo anarquista, não por ser integralmente um anarquista ele próprio, mas por defender as idéias econômicas de Pierre-Joseph Proudhon, Mário jamais foi perdoado pelos comunistas por esse vexame imposto a uma vaca sagrada do Partidão. O fato pode ter contribuído em algo para o muro de silêncio que cercou a obra do filósofo desde a sua morte. O Partido Comunista sempre se arrogou a autoridade de tirar de circulação os autores que o incomodavam, usando para isso a rede de seus agentes colocados em altos postos na mídia, no mundo editorial e no sistema de ensino. A lista dos condenados ao ostracismo é grande e notável. Mas, no caso de Mário, não creio que tenha sido esse o fator decisivo. O Brasil preferiu ignorar o filósofo simplesmente porque não sabia do que ele estava falando. Essa confissão coletiva de inépcia tem, decerto, o atenuante de que as obras do filósofo, publicadas por ele mesmo e vendidas de porta em porta com um sucesso que contrastava pateticamente com a ausência completa de menções a respeito na mídia cultural, vinham impressas com tantas omissões, frases truncadas e erros gerais de revisão, que sua leitura se tornava um verdadeiro suplício até para os estudiosos mais interessados – o que, decerto, explica mas não justifica. A desproporção evidenciada naquele episódio torna-se ainda mais eloquente porque o marxismo era o centro dominante ou único dos interesses intelectuais de Caio Prado Júnior, ao passo que, no horizonte infinitamente mais vasto dos campos de estudo de Mário Ferreira, era apenas um detalhe ao qual ele não poderia ter dedicado senão alguns meses de atenção: nesses meses, aprendera mais do que o especialista que dedicara ao assunto uma vida inteira.

A mente de Mário Ferreira era tão formidavelmente organizada que para ele era a coisa mais fácil localizar imediatamente no conjunto da ordem intelectual qualquer conhecimento novo que lhe chegasse desde área estranha e desconhecida. Numa outra conferência, interrogado por um mineralogista de profissão que desejava saber como aplicar ao seu campo especializado as técnicas lógicas que Mário desenvolvera, o filósofo respondeu que nada sabia de mineralogia mas que, por dedução desde os fundamentos gerais da ciência, os princípios da mineralogia só poderiam ser tais e quais – e enunciou quatorze. O profissional reconheceu que, desses, só conhecia oito.

A biografia do filósofo é repleta dessas demonstrações de força, que assustavam a platéia, mas que para ele não significavam nada. Quem ouve as gravações das suas aulas, registradas já na voz cambaleante do homem afetado pela grave doença cardíaca que haveria de matá-lo aos 65 anos, não pode deixar de reparar na modéstia tocante com que o maior sábio já havido em terras lusófonas se dirigia, com educação e paciência mais que paternais, mesmo às platéias mais despreparadas e toscas. Nessas gravações, pouco se nota dos hiatos e incongruências gramaticais próprios da expressão oral, quase inevitáveis num país onde a distância entre a fala e a escrita se amplia dia após dia. As frases vêm completas, acabadas, numa seqüência hierárquica admirável, pronunciadas em recto tono, como num ditado.

Quando me refiro à organização mental, não estou falando só de uma habilidade pessoal do filósofo, mas da marca mais característica de sua obra escrita. Se, num primeiro momento, essa obra dá a impressão de um caos inabarcável, de um desastre editorial completo, o exame mais demorado acaba revelando nela, como demonstrei na introdução à Sabedoria das Leis Eternas[1], um plano de excepcional clareza e integridade, realizado quase sem falhas ao longo dos 52 volumes da sua construção monumental, a Enciclopédia das Ciências Filosóficas.

Além dos maus cuidados editoriais – um pecado que o próprio autor reconhecia e que explicava, com justeza, pela falta de tempo –, outro fator que torna difícil ao leitor perceber a ordem por trás do caos aparente provém de uma causa biográfica. A obra escrita de Mário reflete três etapas distintas no seu desenvolvimento intelectual, das quais a primeira não deixa prever em nada as duas subseqüentes, e a terceira, comparada à segunda, é um salto tão formidável na escala dos graus de abstração que aí pareceremos nos defrontar já não com um filósofo em luta com suas incertezas e sim com um profeta-legislador a enunciar leis reveladas ante as quais a capacidade humana de discutir tem de ceder à autoridade da evidência universal.

A biografia interior de Mário Ferreira é realmente um mistério, tão grandes foram os dois milagres intelectuais que a moldaram. O primeiro transformou um mero ensaísta e divulgador cultural em filósofo na acepção mais técnica e rigorosa do termo, um dominador completo das questões debatidas ao longo de dois milênios, especialmente nos campos da lógica e da dialética. O segundo fez dele o único – repito, o único – filósofo moderno que suporta uma comparação direta com Platão e Aristóteles. Este segundo milagre anuncia-se ao longo de toda a segunda fase da obra, numa seqüência de enigmas e tensões que exigiam, de certo modo, explodir numa tempestade de evidências e, escapando ao jogo dialético, convidar a inteligência a uma atitude de êxtase contemplativo. Mas o primeiro milagre, sobrevivendo ao filósofo no seu quadragésimo-terceiro ano de idade, não tem nada, absolutamente nada, que o deixe prever na obra publicada até então. A família do filósofo foi testemunha do inesperado. Mário fazia uma conferência, no tom meio literário, meio filosófico dos seus escritos usuais, quando de repente pediu desculpas ao auditório e se retirou, alegando que “tivera uma idéia” e precisava anotá-la urgentemente. A idéia era nada mais, nada menos que as teses numeradas destinadas a constituir o núcleo da Filosofia Concreta, por sua vez coroamento dos dez volumes iniciais da Enciclopédia, que viriam a ser escritos uns ao mesmo tempo, outros em seguida, mas que ali já estavam embutidos de algum modo. A Filosofia Concreta é construída geometricamente como uma seqüência de afirmações auto-evidentes e de conclusões exaustivamente fundadas nelas – uma ambiciosa e bem sucedida tentativa de descrever a estrutura geral da realidade tal como tem de ser concebida necessariamente para que as afirmações da ciência façam sentido.

Mário denomina a sua filosofia “positiva”, mas não no sentido comteano. Positividade (do verbo “pôr”) significa aí apenas “afirmação”. O objetivo da filosofia positiva de Mário Ferreira é buscar aquilo que legitimamente se pode afirmar sobre o conjunto da realidade à luz do que foi investigado pelos filósofos ao longo de vinte e quatro séculos. Por baixo das diferenças entre escolas e correntes de pensamento, Mário discerne uma infinidade de pontos de convergência onde todos estiveram de acordo, mesmo sem declará-lo, e ao mesmo tempo vai construindo e sintetizando os métodos de demonstração necessários a fundamentá-los sob todos os ângulos concebíveis.

Daí que a filosofia positiva seja também “concreta”. Um conhecimento concreto, enfatiza ele, é um conhecimento circular, que conexas tudo quanto pertence ao objeto estudado, desde a sua definição geral até os fatores que determinam a sua entrada e saída da existência, a sua inserção em totalidades maiores, o seu posto na ordem dos conhecimentos, etc. Por isso é que à seqüência de demonstrações geométricas se articula um conjunto de investigações dialéticas, de modo que aquilo que foi obtido na esfera da alta abstração seja reencontrado no âmbito da experiência mais singular e imediata. A subida e

descida entre os dois planos opera-se por meio da decidualética, que enfoca o seu objeto sob dez aspectos:

1. Campo sujeito-objeto. Todo e qualquer ser, seja físico, espiritual, existente, inexistente, hipotético, individual, universal, etc. é simultaneamente objeto e sujeito, o que é o mesmo que dizer – em termos que não são os usados pelo autor – receptor e emissor de informações. Se tomarmos o objeto mais alto e universal – Deus –, Ele é evidentemente sujeito, e só sujeito, ontologicamente: gerando todos os processos, não é objeto de nenhum. No entanto, para nós, é objeto dos nossos pensamentos. Deus, que ontologicamente é puro sujeito, pode ser objeto do ponto de vista cognitivo. No outro extremo, um objeto inerte, como uma pedra, parece ser puro objeto, sem nada de sujeito. No entanto, é óbvio que ela está em algum lugar e emite aos objetos circundantes alguma informação sobre a sua presença, por exemplo, o peso com que ela repousa sobre outra pedra. Com uma imensa gradação de diferenciações, cada ente pode ser precisamente descrito nas suas respectivas funções de sujeito e objeto. Conhecer um ente é, em primeiro lugar, saber a diferenciação e a articulação dessas funções. Alguns exercícios para o leitor se aquecer antes de entrar no estudo da obra de Mário Ferreira: (1) Diferencie os aspectos e ocasiões em que um fantasma é sujeito e objeto. (2) E uma idéia abstrata, quando é sujeito, quando é objeto? (3) E um personagem de ficção, como Dom Quixote?

2. Campo da atualidade e virtualidade. Dado um ente qualquer, pode-se distinguir entre o que ele é efetivamente num certo momento e aquilo em que ele pode (ou não) se transformar no instante seguinte. Alguns entes abstratos, como por exemplo a liberdade ou a justiça, podem se transformar nos seus contrários. Mas um gato não pode se transformar num antigato.

3. Distinção entre as virtualidades (possibilidades reais) e as possibilidades não-reais, ou meramente hipotéticas. Toda possibilidade, uma vez logicamente enunciada, pode ser concebida como real ou irreal. Só podemos obter essa gradação pelo conhecimento dialético que temos das potências do objeto.

4. Intensidade e extensidade. Mário toma esses termos emprestados do físico alemão Wilhelm Ostwald (1853-1932), separando aquilo que só pode variar em diferença de estados, como por exemplo o sentimento de temor ou a plenitude de significados de uma palavra, e aquilo que se pode medir por meio de unidades homogêneas, como por exemplo linhas e volumes.

5. Intensidade e extensidade nas atualizações. Quando os entes passam por mudanças, elas podem ser tanto de natureza intensiva quanto extensiva. A descrição precisa das mudanças exige a articulação dos dois pontos de vista.

6. Campo das oposições no sujeito: razão e intuição. O estudo de qualquer ente sob os cinco primeiros aspectos não pode ser feito só com base no que se sabe deles, mas tem de levar em conta a modalidade do seu conhecimento, especialmente a distinção entre os elementos racionais e intuitivos que entram em jogo.

7. Campo das oposições da razão: conhecimento e desconhecimento. Se a razão fornece o conhecimento do geral e a intuição o do particular, em ambos os casos há uma seleção: conhecer é também desconhecer. Todos os dualismos da razão – concreto-abstrato, objetividade-subjetividade, finito-infinito, etc. – procedem da articulação entre conhecer e desconhecer. Não se conhece um objeto enquanto não se sabe o que tem de ser desconhecido para que ele se torne conhecido.

8. Campo das atualizações e virtualizações racionais. A razão opera sobre o trabalho da intuição, atualizando ou virtualizando, isto é, trazendo para o primeiro plano ou relegando para um plano de fundo os vários aspectos do objeto percebido. Toda análise crítica de conceitos abstratos supõe uma clara consciência do que aí foi atualizado e virtualizado.

9. Campo das oposições da intuição. A mesma separação do atual e do virtual já acontece no nível da intuição, que é espontaneamente seletiva. Se, por exemplo, olhamos esta revista como uma singularidade, fazemos abstração dos demais exemplares da mesma tiragem. Tal como a razão, a intuição conhece e desconhece.

10. Campo do variante e do invariante. Não há fato absolutamente novo nem absolutamente idêntico a seus antecessores. Distinguir os vários graus de novidade e repetição é o décimo e último procedimento da decadalética.

Mário complementa o método com a pentadialética, uma distinção de cinco planos diferentes nos quais um ente ou fato pode ser examinado: como unidade, como parte de um todo do qual é elemento, como capítulo de uma série, como peça de um sistema (ou estrutura de tensões) e como parte do universo.

Nos dez primeiros volumes da Enciclopédia, Mário aplica esses métodos à resolução de vários problemas filosóficos divididos segundo a distinção tradicional entre as disciplinas que compõem a filosofia – lógica, ontologia, teoria do conhecimento, etc. –, compondo assim a armadura geral com que, na segunda série, se aprofundará no estudo pormenorizado de determinados temas singulares.

Aconteceu que, na elaboração dessa segunda série, ele se deteve mais demoradamente no estudo dos números em Platão e Pitágoras, o que acabou por determinar o upgrade espetacular que marca a segunda metanóia do filósofo e os dez volumes finais da Enciclopédia, tal como expliquei na introdução à Sabedoria das Leis Eternas. O livro Pitágoras e o Tema do Número, um dos mais importantes do autor, dá testemunho da mutação. O que chamou a atenção de Mário foi que, na tradição pitagórico-platônica, os números não eram encarados como meras quantidades, no sentido em que são usados nas medições, mas sim como formas, isto é, articulações lógicas de relações possíveis. O que Pitágoras queria dizer com sua famosa afirmação de que “tudo são números” não é que todas as qualidades diferenciadas podiam se reduzir a quantidades, mas que as quantidades mesmas eram por assim dizer qualitativas: cada uma delas expressava um certo tipo de articulação de tensões cujo conjunto formava um objeto. Mas, se de fato é assim, conclui Mário, a seqüência dos números inteiros não é apenas uma contagem, mas uma série ordenada de categorias lógicas. Contar é, mesmo inconscientemente, galgar os degraus de uma compreensão progressiva da estrutura do real. Vejamos, só para exemplificar, o que acontece no trânsito do número um ao número cinco. Todo e qualquer objeto é necessariamente uma unidade. *Ens et unum convertuntur*, “o ser e a unidade são a mesma coisa”, dirá Duns Scot. Ao mesmo tempo, porém, esse objeto conterá em si alguma dualidade essencial. Mesmo a unidade simples, ou Deus, não escapa ao dualismo gnoseológico do conhecido e do desconhecido, já que aquilo que Ele conhece de si mesmo é desconhecido por nós. Ao mesmo tempo, os dois aspectos da dualidade têm de estar ligados entre si, o que exige a presença de um terceiro elemento, a relação. Mas a relação, ao articular os dois aspectos anteriores, estabelece entre eles uma proporção, ou quaternidade. A quaternidade, considerada como forma diferenciada do ente cuja unidade abstrata captamos no princípio, é por sua vez uma quinta forma. E assim por diante.

A mera contagem exprime, sinteticamente, o conjunto das determinações internas e externas que compõem qualquer objeto material ou espiritual, atual ou possível, real ou irreal. Os números são portanto “leis” que expressam a estrutura da realidade. O próprio Mário confessa não saber se essa sua versão muito pessoal do pitagorismo coincide materialmente com a filosofia do Pitágoras histórico. Seja uma descoberta ou uma redescoberta, a filosofia de Mário descerra diante dos nossos olhos, de maneira diferenciada e meticulosamente acabada, um edifício doutrinal inteiro que, em Pitágoras – e mesmo em Platão – estava apenas embutido de maneira compacta e obscura. Ao mesmo tempo, em A Sabedoria dos Princípios e demais volumes finais da Enciclopédia, ele dá ao seu próprio projeto filosófico um alcance incomparavelmente maior do que se poderia prever até mesmo pela magistral Filosofia Concreta. A esta altura, aquilo que começara como conjunto de regras metodológicas se transmuta num sistema completo de metafísica, a *mathesis megiste* ou “ensinamento supremo”, ultrapassando de muito a ambição originária da Enciclopédia e elevando a obra de Mário Ferreira ao estatuto de uma das mais altas realizações do gênio filosófico de todos os tempos.

Não tenho a menor dúvida de que, quando passar a atual fase de degradação intelectual e moral do país e for possível pensar numa reconstrução, essa obra, mais que qualquer outra, deve tornar-se o alicerce de uma nova cultura brasileira. A obra, em si, não precisa disso: ela sobreviverá muito bem quando a mera recordação da existência de algo chamado “Brasil” tiver desaparecido. O que está em jogo não é o futuro de Mário Ferreira dos Santos: é o futuro de um país que a ele não deu nada, nem mesmo um reconhecimento da boca para fora, mas ao qual ele pode dar uma nova vida no espírito.